Eça Medalhado Emblemática Queirosiana

António Miguel Trigueiros

Manuel Nogueira, «Amélia» (*O Crime do Padre Amaro*), da série de 1974.

São poucos os grandes vultos da literatura portuguesa que receberam, até hoje, homenagens comemorativas em medalha, em moeda metálica e em nota bancária. Como suporte emblemático do retrato do homenageado, as medalhas e, mais recentemente, as moedas, são, juntamente com os selos de correio (de que não nos ocuparemos, dada a distinta especialidade a que pertencem), as peças evocativas mais populares na divulgação de uma efeméride, normalmente associada ao centenário da morte dessa figura ilustre, mais raramente ao do seu nascimento.

Luís de Camões (1525?-1580), António Feliciano de Castilho (1800-1875), Alexandre Herculano (1810-1877), Camilo Castelo Branco (1825-1890), Antero de Quental (1842-1891), Eça de Queirós (1845-1900) e Fernando Pessoa (1888-1935), constituem a pequena galeria de escritores e poetas medalhados, amoedados e estampados. A outros falta-lhes apenas uma homenagem monetária, para poderem ingressar neste clube restrito: Bocage (1765-1805) e Ramalho Ortigão (1836-1915) terão a sua oportunidade dentro de alguns anos, em moeda de euros, assim o permita o Banco Central Europeu...; Oliveira Martins (1845-1894) e João de Deus (1830-1896) foram preteridos em 1994/6 e, no ano passado, a Casa da Moeda de Lisboa «esqueceu-se» das comemorações nacionais do bicentenário do nascimento de Almeida Garrett (1799-1854).

Eça e as suas criaturas na Medalhística

O desenvolvimento da temática associada às famosas personagens criadas por Eça de Queirós deve muito à acção do mais importante editor de medalhas que Portugal conheceu, António de Sousa Freitas e ao seu Gabinete Português de Medalhística. Entre 1974 e

1975, duas séries de figuras foram lançadas e oferecidas aos coleccionadores, da autoria dos escultores Manuel Nogueira e Cabral Antunes, retratando as mais interessantes criaturas desse fascinante mundo queirosiano, tais como o Conselheiro Acácio, Fradique Mendes, o Primo Basílio e o Padre Amaro, entre outras.

Mas o resultado dessas tentativas de interpretação plástica das personagens queirosianas revelou-se de fraco estilo, se não mesmo algo grotesco, como se pode observar na série de medalhas-plaquetes de Manuel Nogueira, o que não é para admirar, dada a difícil empresa de dar corpo, no espaço restrito de uma pequena medalha de bronze, a toda a alma ficcionista de Eça de Queirós, ao seu estilo crítico, adjectivo, de fina ironia, elegante, mas caricatural.

Manuel Nogueira, «Eça e as suas Criaturas», da série de 1974. Colecção do Círculo Eça de Queiroz.

Retrato de Eça de autor anónimo, s/d. Grêmio Luso-Brasileiro, São Paulo. Colecção Círculo Eça de Queiroz.

Medalha do centenário da morte de Eça de Queirós, 2000. Joaquim Correia, Círculo Eça de Queiroz.

Melhores resultados foram alcançados em medalhas individuais da autoria do escultor queirosiano por excelência, Joaquim Correia, autor de três das nove referenciadas e listadas separadamente. Depois da sua medalha de 1973 – *«Estou amplamente servido, minha prezada Senhora»* –, sem dúvida, de todas as dedicadas a Eça de Queirós, a mais bem desenhada e esculpida, o mesmo estilo fino, elegante e bem proporcionado pode ser admirado nas duas medalhas encomendadas para marcar este centenário, edição da INCM (com um impressionante retrato no anverso, de um Eça precocemente envelhecido) e do Círculo Eça de Queiroz, no sexagésimo aniversário da sua fundação (com outro notável retrato de grande elegância).

Compare-se estes retratos medalhistas com o da medalha cunhada pelo Grêmio Luso-Brasileiro, de São Paulo: a diferença marca indelevelmente a grande categoria plástica das obras de Joaquim Correia.

Por último, a medalha editada pela Junta de Freguesia de Santa Maria dos Olivais, de bronze e acrílico, merece referência mais pela qualidade do seu fabrico (Gravarte, a maior casa da especialidade em Portugal), que pela singeleza da composição.

Algumas medalhas alusivas a Eça de Queirós e às suas personagens:

1953, bronze fundida, dia. 85 mm, Ramos Abreu
1973, bronze, dia. 80 mm, Joaquim Correia
1974, bronze, dia. 80 mm irregular, série de 12 personagens e biografia de Eça, Manuel Nogueira
1975, bronze, plaquete 50x70 mm, série de personagens, Cabral Antunes
1980, bronze, dia. 80 mm, Círculo de Leitores, Cabral Antunes
(?), bronze, 72x82 mm irregular, Grêmio Luso-Brasileiro, São Paulo
2000, bronze e acrílico, dia. 80 mm, Junta de Freguesia de Sta Maria dos Olivais, Gravarte
2000, bronze, dia. 80 mm, INCM, Joaquim Correia
2000, bronze, dia. 80 mm, Círculo Eça de Queiroz, Joaquim Correia

(Para mais informações, veja-se o *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, pp. 230-36, ed. Caminho).

Eça fiduciário

Faz também parte desta emblemática queirosiana, a nota do Banco de Portugal emitida em 1925, com o valor de 10 escudos-ouro,

Nota do Banco de Portugal, 10 escudos-ouro de 1925, anverso. Colecção do Banco de Portugal.

estampada em Londres, tendo como vinhetas decorativas uma vista do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém, e o retrato em moldura oval de Eça de Queirós.

Curiosidade desta emissão é o facto de estas notas terem como sobrecarga o selo do Banco de Portugal, a vermelho e em relevo, na frente, um dispositivo de segurança que aparece no rescaldo do célebre caso «Angola e Metrópole», de Alves dos Reis e das suas falsificações fabricadas por aquela mesma casa impressora londrina.

Retirada da circulação em Dezembro de 1933, juntamente com as notas de 2$50 e de 5$00, foi substituída por moedas de prata do mesmo valor, da série «Nau Portuguesa».

Eça por d'Eça

Ao contrário do que aconteceu no ano passado, quando todo Portugal celebrava o bicentenário de Almeida Garrett, e a INCM deixou cair a oportunidade de cunhar uma moeda comemorativa, tendo-se ficado pela edição de uma medalha, neste ano queirosiano, talvez porque um dos membros da sua Administração fazia parte da comissão nacional das comemorações, foi autorizada a emissão de uma moeda comemorativa de prata do centenário da morte de Eça de Queirós, de 500 escudos (DL n.º 203/2000, de 1 de Setembro) (dia. 30 mm; peso 14 g; toque 500/1000), da autoria de Paulo-Guilherme d'Eça Leal «*D'Etecetera e Tal*», esse génio criativo das artes plásticas portuguesas, de multifacetado talento.

Na gravura do reverso, ao mais puro estilo de Almada Negreiros – de que Paulo-Guilherme se confessa discípulo incondicional –, surge-nos uma efígie do homenageado singularmente geométrica, expressiva e magistralmente desenhada, identificada pela legenda evocativa «Eça de Queiroz // 1900 2000».

O mesmo já não podemos dizer da gravura do anverso (lado das armas nacionais), onde algo não bate certo e foge ao cuidadoso e milimétrico risco d'Eça Leal, que tão bem conhecemos e admiramos: circulando o escudo nacional aparece a legenda interior «Centenário da Morte de Eça de Queiroz», totalmente desnecessária na moderna ciência do desenho numismático e que sobrecarrega a leitura deste lado da moeda.

Como diria Eça no seu estilo adjectivo, é uma legenda «presunçosa», «martelada» e, no mínimo, «inconveniente»...; «redundante», diríamos nós, certamente lá metida por cunha de alguém que se sentiu superior à arte e à experiência do artista!

Agradecimentos: Sr. Vasco Costa, da Gravarte, por nos ter possibilitado o acesso à sua bem elaborada base de dados das medalhas portuguesas e facultado o conhecimento da sua última produção; Sr. Prof. Dr. João Bigotte Chorão, Presidente da Direcção do Círculo Eça de Queiroz, pelas facilidades concedidas nas fotografias do acervo medalhístico dessa prestigiosa agremiação (fotos do autor); Dr. António Filipe Correia, editor da Moeda-Revista Portuguesa de Numismática e Medalhística, pela cedência da fotografia da moeda de Eça por d'Eça.

Paulo-Guilherme d'Eça Leal, moeda comemorativa, 500 escudos de 2000, espécie numismático «proof», prata e ouro. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.